

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JULIO CESAR SANTOS DE SOUZA

**OUTROS OLHARES NO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”:
A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO E A DANÇA PARA ALÉM DA
TÉCNICA**

VITÓRIA

2023

JULIO CESAR SANTOS DE SOUZA

**OUTROS OLHARES NO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”:
A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO E A DANÇA PARA ALÉM DA
TÉCNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª Dra. Erineusa Maria da Silva.

VITÓRIA

2023

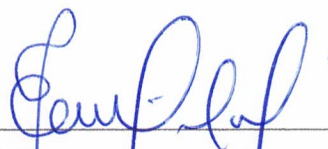
JULIO CESAR SANTOS DE SOUZA

**OUTROS OLHARES NO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”:
A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO E A DANÇA PARA ALÉM DA
TÉCNICA**

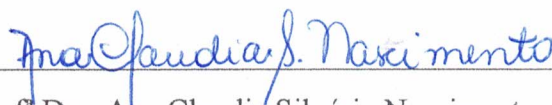
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 8 de fevereiro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profª Dra. Erineusa Maria da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora



Profª Dra. Ana Claudia Silvério Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Dra. Ileana Wenz

Universidade Federal do Espírito Santo

Universidade Federal do Espírito Santo | Centro de Educação Física e Desportos
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras | Vitória/ES | CEP 29075-910



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ILEANA WENETZ - SIAPE 1168661
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 09/02/2023 às 18:40

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/649022?tipoArquivo=O>

Às cuidadoras/mães/mulheres que participam do projeto “Cuidadores que Dançam” que dividiram suas alegrias, dores e me ensinaram a ter um olhar mais sensível e humano.

À minha mãe, inspiração para toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, minha fortaleza e meu refúgio.

À minhas irmãs Sheila, Kelly e Mariana, à minha sobrinha Gabrielle, aos meus sobrinhos Ítalo e Noah e a toda minha família por me acompanhar em mais uma etapa importante, dando suporte de acordo com suas condições.

À minha namorada Camila por compartilhar momentos maravilhosos e que contribuíram com a minha chegada até aqui.

À professora Erineusa, por me acolher e caminhar junto nessa trajetória acadêmica com seu vigor de transformação.

À universidade pública de qualidade UFES, ao CEFD, ao grupo PRÁXIS e ao LAEFA por proporcionar tempos e espaços de formação únicos e que fazem a diferença na sociedade.

Aos governos federais de Dilma Roussef e Luiz Inácio Lula da Silva, os que mais investiram em políticas sociais em nosso país e que tornaram meus sonhos em realidades.

À minha comunidade, Nova Rosa da Penha, razão dos meus maiores sonhos.

*“Entra na roda menina, a vida está te
chamando pra dançar”*

Edna Frigato

RESUMO

A divisão binária entre masculino e feminino, normatizada pela sociedade, forma um conjunto de regras que busca ordenar a sociedade, ratificando diferentes papéis para ambos os sexos. A mulher assume culturalmente atividades privadas/domésticas que são menosprezadas e vistas como não-trabalho, como é o caso da tarefa do cuidado de pessoas, em que a abdicação dos próprios desejos e necessidades se transfigura como algo da natureza feminina. Isso se desdobra quando o cuidado é voltado para Pessoa com Deficiência (PcD). Assim, por meio da análise de conteúdo de diários de campo, as diversas experiências das cuidadoras de PcD são trazidas à tona, buscando evidenciar, em especial, aquelas referentes ao lugar ocupado como cuidadoras e também referentes à dança em si, no projeto “Cuidadores que Dançam”. A dança é problematizada, expondo a perspectiva do projeto que trata a técnica como elemento fundamental para a prática, mas compreendendo que não pode ser utilizada como mecanização do corpo e do dançar. O estudo, por fim, indica possibilidades de um trabalho contextualizado e direto com as cuidadoras que implique uma compreensão crítica do mundo, libertação e ressignificação identitária, indo além das amarras sociais.

Palavras-chaves: Mulher. Cuidado. Dança. Técnica.

ABSTRACT

The binary division between male and female, normalized by society, forms a set of rules that seeks to order society, ratifying different roles for both sexes. Women culturally assume private/domestic activities that are despised and seen as non-work, as is the case of the task of caring for people, in which the abdication of their own desires and needs is transfigured as something of feminine nature. This unfolds when the care is aimed at the Person with Disabilities (PwD). Thus, by means of content analysis of field diaries, the several experiences of PwD caregivers are brought to the surface, trying to highlight, especially, those related to the place occupied as caregivers and also to dance itself, in the project "Cuidadores que Dançam" (Caregivers who Dance). The dance is problematized, exposing the perspective of the project that treats the technique as a fundamental element for the practice, but understanding that it cannot be used as mechanization of the body and of dancing. Finally, the study indicates possibilities of a contextualized and direct work with the caregivers that implies a critical understanding of the world, liberation and identity re-signification, going beyond social ties.

Keywords: Woman. Caring. Dance. Technique.

RESUMEN

La división binaria entre masculino y femenino, normalizada por la sociedad, forma un conjunto de reglas que pretende ordenar la sociedad, ratificando diferentes papeles para ambos sexos. La mujer asume culturalmente actividades privadas/domésticas que son despreciadas y vistas como no laborales, como es el caso de la tarea de cuidar a las personas, en la que la abdicación de los propios deseos y necesidades se transfigura como algo propio de la naturaleza femenina. Esto ocurre cuando la atención se centra en las personas con discapacidad. Así, por medio del análisis de contenido de diarios de campo, se sacan a la luz las diversas experiencias de los cuidadores de PcD, buscando destacar, en particular, las relacionadas con el lugar ocupado como cuidadores y también con la propia danza, en el proyecto "Cuidadores que Dançam". Se problematiza la danza, exponiendo la perspectiva del proyecto que trata la técnica como elemento fundamental para la práctica, pero entendiendo que no puede ser utilizada como mecanización del cuerpo y de la danza. Finalmente, el estudio señala las posibilidades de un trabajo contextualizado y directo con los cuidadores que implique una comprensión crítica del mundo, liberación y resignificación identitaria, más allá de los vínculos sociales.

Palabras-clave: Mujer. Cuidar. Danza. Técnica.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO | 12 |
| 3 | A DANÇA PARA ALÉM DA TÉCNICA | 18 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| 5 | REFERÊNCIAS | 26 |

1 INTRODUÇÃO

Incorporadas culturalmente (BORDIEU, 2002), as oposições binárias produzidas entre o masculino e o feminino com base em uma condição biológica normatizada formam um conjunto de regras que ordenam a sociedade. Na lógica binária, sobre as diferenças biológicas (notadamente definidos como sexo masculino e sexo feminino) são carregados estatutos sociais, condições, papéis, responsabilidades diferenciadas definindo qual lugar os homens e as mulheres devem assumir socialmente. Esses atributos são controlados/vigiados socialmente no sentido de que sejam realizáveis por cada sexo.

Assim, com base na oposição binária, ser homem ou ser mulher implica incorporar esses atributos e as funções designadas por sexo biológico macho e fêmea, como possibilidade de atuar numa determinada cultura sem sofrer “represálias”. De maneira que, ainda que vivamos atualmente um processo de maior flexibilização desses atributos, vemos associado ao homem/pai a função de provedor do sustento da família e o seu direcionamento ao mundo público. Por sua vez, a mulher/mãe é direcionada, compulsória e majoritariamente, às atividades privadas/domésticas ou às atividades que manifestam relação com o mundo do privado, como o exercício do cuidado. Essas são atividades que não são valorizadas e que, popularmente, não são consideradas trabalho, como as do mundo denominado de “público”, que são assumidas normalmente por homens.

As expectativas sociais e a construção econômica, política, social, histórica, dos papéis masculino e feminino têm importância na formação da identidade de gênero – sentimento que indivíduos de ambos os sexos possuem em relação ao seu pertencimento a um ou outro sexo. Essa construção influi no modo como os seres humanos elaboram suas escolhas e as experienciam e atribuem significados ao seu existir (FERNANDES, 2009, p. 705).

Sob essa lógica, a mulher assume a tarefa do cuidado de pessoas, função que vem sendo desempenhada em diferentes espaços e profissões, como um elemento estrutural da sociedade, que se construiu exclusivamente como feminina (MARCONDES, 2013). No cuidado, a abdicação dos próprios desejos e necessidades se transfigura como algo comum na medida em que o cuidar de outro indivíduo se torna preponderante, agudizando-se quando essa atividade é voltada para Pessoas com Deficiência (PcDs).

O cuidado se estabelece como algo fundamental para a integridade e formação da vida humana e, essencialmente, requer um grande esforço por parte de quem o realiza. Quem cuida nutre um forte laço afetivo com quem é cuidado/a, tarefa que pode ser exemplificada na relação entre

mães e filhos/as. Antes de um/a filho/a nascer e ser diagnosticado com alguma deficiência, naturalmente o pai e a mãe idealizam um indivíduo com diversas qualidades, mas após descobrirem que certos desejos não são possíveis, o contexto familiar começa a ser reconfigurado. A mulher/mãe é a que mais sofre pressão para assumir o cuidado da criança que foge das normas da sociedade, sendo que em muitas situações é a única que assume e oferece os cuidados especiais, implicando a reconfiguração radical do seu cotidiano (WELTER *et al.*, 2008).

É preciso considerar os diversos avanços na sociedade para a criação de políticas públicas para atender às PcDs e em áreas como a da Educação Física em ações que implicam a revisão de suas práticas de modo que promovam a igualdade e a inclusão, processo que é dificultado pela desigualdade social. No entanto, na Educação Física, pouco é discutido sobre a família e a pessoa que desenvolve incessantemente o cuidado da PcD.

Com a perspectiva de se questionar essa condição feminina e esses paradigmas sociais, surgem na discussão desta pesquisa as ações desenvolvidas pelo Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA) junto ao projeto de extensão “Cuidadores que Dançam” no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES).

Primeiro, é indispensável destacar a minha participação no projeto que ocorreu desde o início da graduação em Educação Física – Licenciatura em 2015, como voluntário. Mais à frente, assumi as atividades como bolsista até ao início de 2019 e depois a experiência se estendeu por um período após a minha formação, momento em que atuei como professor. Diante dessas aproximações com o projeto e com a metodologia de ensino adotada, surgiram diferentes reflexões acerca do tratamento pedagógico direcionado às mulheres cuidadoras e à dança. Tais reflexões servem de ponto de partida para este trabalho para expor esses tratamentos que o projeto detém, de modo que possa se expandir a outros espaços e circunstâncias.

Em 2011, os/as professores/as do Departamento de Ginástica do CEFD/UFES criaram o projeto “Cuidadores que Dançam” após constatarem que as cuidadoras esperavam as PcDs realizar as práticas pedagógicas de Educação Física Adaptada oferecidos pelo LAEFA, situação em que acabavam ficando sentadas nos espaços do centro sem usufruir de atividades sistematizadas. Inicialmente, esse projeto foi criado para aproveitar esse momento de aguardo, das cuidadoras aos seus familiares. Mais adiante, o projeto toma um novo sentido, qual seja, o de atender essa

população de pessoas que cuidam de PcDs, que normalmente são mulheres¹, mas como um espaço-tempo (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001) que contribui para problematizar esse lugar e papel feminino para a redescoberta e o cuidado de si por meio de diversas experiências, em especial as com a dança (SILVA *et al.*, 2016). Assim, o tempo de espera e monotonia foi se transformado em um tempo de aprendizagem para e pela dança, fazendo como que o projeto ganhasse uma importante função social, por promover um espaço-tempo de a cuidadora de PcD olhar para si e cuidar de si, problematizando esse lugar de cuidado.

A Dança, por sua vez, também é problematizada nesse projeto visto que, não raro, é concebida como uma prática distante e de difícil acesso, com determinações que deixam a interpretar que só é possível dançar com uma técnica perfeita e específica. Pensando para além disso, o projeto mostra que diversas interpretações e experiências pode-se retirar de um processo de ensino aprendizagem da dança, pois no projeto se apresentam possibilidades de um trabalho com uma relação contextualizada e direta com os sujeitos para uma compreensão crítica do mundo, libertação e ressignificação identitária, sem ignorar os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos” (MARQUES, 2011).

Perante estas considerações, o texto pretende apresentar como se desenvolve a metodologia de ensino utilizada no espaço-tempo oportunizado pelo projeto e suas intenções em relação às suas participantes, bem como a experiência das cuidadoras diante das atividades que busca superar visões naturalizadas sobre a mulher e a dança.

O trabalho de cunho qualitativo, utiliza os diários de campo produzidos a partir de todas as aulas do projeto, que ocorreram nos semestres 2019/1 (13 aulas/diários) e 2019/2 (11 aulas/diários), como fontes e dados de pesquisa. Segundo Oliveira (2014), os diários de campo são dispositivos de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas que contribuem com a compreensão dos movimentos do objeto de estudo que, no caso da escrita realizada sobre as aulas do projeto “Cuidadores que Dançam”, prioriza-se os acontecimentos relevantes, bem como de falas que retratam avaliações das atividades desempenhadas pelas cuidadoras e algumas anotações sobre questões pertinentes à vida delas. Esses diários de campo foram produzidos por bolsistas e estagiários/as do projeto ao final de cada aula ministrada, visto que faz parte da rotina do projeto os registros e a produção de diários de campo sobre as aulas. O/a

1 Que passaram a ser chamadas de “cuidadoras”, por serem as pessoas que cuidam dos filhos/as, sobrinhos/as ou irmãos/ãs que apresentam alguma deficiência. Dificilmente o homem aparece nessa condição de cuidado, também acaba sendo rara a participação desse público no projeto.

responsável pela escrita do diário era quem ficava a frente da respectiva aula, então é preciso considerar que havia um rodízio de bolsistas/estagiários que ministravam as aulas e que, eventualmente, eu era o responsável.

As análises dos dados e das fontes, por sua vez, fundamentaram-se em elementos das análises de conteúdo de Bardin (2016). Priorizou-se como elemento de referência para a análise de conteúdo as recorrências de temas apurados nas descrições dos diários de campo que possibilitou a construção de categorias de análise que correspondem a ideia da mulher para além do cuidado e a dança para além da técnica. Para garantir o sigilo das pessoas que participam da pesquisa, os nomes que aparecem em trechos recortados dos documentos analisados foram trocados por nomes de mulheres famosas e conhecidas pela luta a favor dos direitos femininos.

A seguir, passaremos a tratar de cada categoria conforme o estudo se propõe.

2 A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO

Uma das contribuições que o projeto “Cuidadores que dançam” pretende oferecer às cuidadoras é o estímulo a questionamentos sobre o imaginário social a respeito da condição, estatuto e papel social da mulher na sociedade, e com isso, possibilitar reflexões em relação ao seu papel no cuidado de PcDs.

Essas questões foram objeto das intervenções no período considerado para este estudo (o primeiro e o segundo semestre de 2019²), em que foi trabalhado o tema “Danças pelo mundo: conhecendo a diversidade”, desenvolvido por meio da metodologia de Dança Criativa. Esse tema que deu base às ações do projeto, foi pensado junto às cuidadoras a partir de diversas avaliações realizadas com o grupo, considerando suas necessidades e seus contextos culturais e históricos, para que se estabelecessem relações significativas com cada uma.

As aulas e a metodologia de ensino utilizadas no projeto buscam enfatizar que a mulher precisa ser considerada para além da posição de cuidado e que, principalmente, isso seja internalizado

² Ano e período anterior à paralisação das atividades no projeto devido ao início da pandemia da Covid-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que atingiu a população de todo o planeta.

pelas próprias cuidadoras que muitas vezes não conseguem experienciar devido as posições arbitrárias a que estão sujeitas.

As posições arbitrárias partem da concepção de que as divisões sexuais são estruturadas historicamente, baseadas em argumentos biológicos e da natureza, e funcionam “como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BORDIEU, 2002, p.18). Destaca-se ainda que a divisão social do trabalho é regida por dois princípios (IPEA, 2016): um está baseado na lógica de que há trabalhos masculinos e há trabalhos femininos, significando que o desempenho das atividades deve ser realizado somente ao gênero designado; e o outro é o da hierarquização em que se coloca o trabalho masculino como superiores e mais valiosos. Entre as atividades masculinas e femininas, a mulher assume posições inferiores por efeito da dominação masculina que tende a se reproduzir e a se eternizar simbolicamente. Dessa forma, de modo arbitrário, as mulheres são direcionadas a tarefas que se caracterizam por serem privadas, de casa, e da família; ocupações que são desvalorizadas e não são vistas como trabalhos, como é considerado o trabalho do cuidado de pessoas (MARCONDES, 2013). Ademais, o cuidado, apesar de ser desapreciado socialmente, é essencial para a humanidade e manutenção da vida, é caracterizado como

[...] atividades, qualidades e disposições relacionadas ao trabalho reprodutivo e que se voltam para a reprodução e para o bem-estar de todos os indivíduos e sociedade independente de serem remuneradas, de demandarem interação face a face ou vínculo afetivo (IPEA, p. 15, 2016).

No sentido de compreender essas dissimetrias e hierarquizações, gênero tornou-se uma categoria de análise importante no sentido de desnaturalizar o arbitrário cultural produzido social, cultural e simbolicamente como informado por Bourdieu (2002). É importante destacar que o termo “gênero”, utilizado por feministas que buscam uma definição que represente e explique as desigualdades entre homens e mulheres, trata-se, segundo Scott (1995), de um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder, indo de encontro às ultrapassadas definições que dão ênfase aos aspectos biológicos. Scott (1998) trata gênero também de forma relacional e como uma categoria de análise das relações sociais. Ademais essa categoria, segundo Yannoulas (2013) só pode ser compreendida se tomada de forma embricada às questões de classe e raça/etnia.

Além da categoria de análise gênero, o cuidado também está atrelado às dimensões de raça e classe social, pois de acordo com o prestígio de cada dimensão, evidencia-se a ampliação das desigualdades que atravessa a tarefa do cuidar e a coloca de diferentes maneiras em diferentes setores da sociedade. Mulheres negras e de classes inferiores tendem a assumir a posição de cuidadora com mais constância e em circunstâncias mais precárias.

Nessa direção, as mulheres/mães/cuidadoras ocupam o âmbito doméstico carregando junto a elas a responsabilidade colocada pela sociedade para manter a integridade dos sujeitos que são cuidados. Esses aspectos ganham uma maior dimensão quando o cuidado é voltado para PcDs. Seja a mulher mãe ou mulher de qualquer grau parentesco da PcD, desde o diagnóstico que indica a deficiência da pessoa, na maioria das vezes, é sujeitada a assumir a função do cuidado e a reconfigurar radicalmente o seu cotidiano, “levando-as a abrir mão de atividades que exerciam anteriormente e, muitas vezes, provocando o desgaste de cuidar” (WELTER *et al.*, p. 113, 2008).

Nessa condição subalterna, essas mulheres em momentos que querem realizar atividades diferentes das que são impostas, direcionando a atenção por algum momento para si próprias, carregam o peso da culpabilização colocado por possíveis julgamentos sociais da não ocupação do papel estabelecido.

Essa situação da mulher fica evidente no projeto “Cuidadores que dançam” com as participantes visto suas condições femininas, maioria negras ou pardas de classe econômica baixa e cuidadoras de PcD. As ações desenvolvidas implicam reflexões críticas sobre esses paradigmas sociais.

Destacando o cuidado das participantes com os outros sujeitos, elas se colocam indissociáveis a eles de tal maneira que causa grandes dificuldades de se perceberem livres das obrigações domésticas em qualquer que seja a situação. Tal fato foi observado em uma aula de hidroginástica que ocorreu em conjunto aos/às alunos/as do projeto que atendem as PcDs, como abertura das atividades de um semestre e com caráter recreativo:

Na avaliação entre professores/as e bolsistas, também foi destacado a preocupação na aula que a cuidadora Rosa Luxemburgo teve com o seu irmão, pois às vezes deixava de fazer algum exercício para observá-lo (Diário de campo, 28-02-2019).

Mesmo com uma equipe responsável pelo acompanhamento e cuidado das PCDs, a aluna não participou de modo efetivo e deixou de vivenciar a aula em sua totalidade devido à preocupação com o seu irmão.

Evidenciando o cuidado, que no latim significa cura e era utilizado em contextos de relações humanas de amor e amizade, deve-se considerá-lo como elementar para a compreensão do ser humano por sustentar os diferentes tipos de relação. O ato de cuidar requer um modo de ser que faça com que a própria pessoa saia de si e volte sua atenção e solicitude ao outro (BOFF, 2005). Assim, o cuidar provoca inquietação, sentimento de preocupação, aflição e é reforçado quando tal ato é impossibilitado. O cuidado possui duas significações que possuem ligações entre si: “A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro” (BOFF, 2005, p. 29).

Posto isto, é preciso entender a dimensão do cuidado na relação das cuidadoras com os sujeitos. Dessa forma, as aulas do projeto, em geral, acontecem separadamente para oportunizar momentos que façam com que as cuidadoras se desvinculem de seus papéis cotidianos e se vejam capazes de vivenciar outras atividades que resgatem outras identidades do ser mulher no mundo e experienciem momentos isolados das PCDs, mas em interação com outras pessoas cuidadoras através da dança.

Já em outras situações, seguindo também a hierarquização desses elementos abordados que configuram a desigualdade entre homens e mulheres, acaba-se por naturalizar atitudes intimidadoras que promove uma série de violências contra a mulher, desde o não usufruto de seus direitos garantidos por lei até a violência física e psicológica (AGUIAR, 2015). Durante as ações do projeto, algumas cuidadoras, de uma forma ou outra, relatam ter sofrido violências físicas e psicológicas de seus companheiros ou até do próprio filho com deficiência. Na mesma aula, constatou-se uma possível reprodução de violência doméstica por parte do filho:

[...] teve a situação da cuidadora Anne Frank, que enfrentou a resistência e rispidez de seu filho em um momento da aula. A mesma senhora sofre com um histórico de violência doméstica na família, com o seu marido, e talvez o filho estivesse reproduzindo essas ações. Então, foi passada a orientação ao grupo do projeto “Cuidadores que Dançam” que planejem um modo mais direto para tratar e discutir sobre o assunto nas aulas (Diário de campo, 28-02-2019).

O trecho exposto mostra que, diante da percepção de um suposto contexto familiar conturbado há um movimento para criação de estratégias por parte dos/as gestores/as do projeto para que as aulas discorram sobre o assunto. As avaliações das aulas do projeto têm por finalidade evidenciar esses fatores que afligem as participantes e, de maneira indireta, trabalhar nas atividades que, como no exemplo apresentado, serve para que as cuidadoras vejam a violência

contra a mulher como crime; que há meios jurídicos para resolver e para que se vejam como cidadãs que devem ser respeitadas e que seus valores devem ser considerados.

Questões como essas são amplamente discutidas dentro do projeto por também atravessarem os conteúdos trabalhados nas aulas. O tratamento metodológico dado aos temas das atividades ocorre criticamente, articulando-os com elementos de diferentes contextos culturais e sociais. Assim, são problematizadas as barreiras sociais que dificultam a igualdade social através da implicação de reflexões acerca da igualdade de gênero, do feminismo e do combate ao machismo. Como exemplificação, na aula sobre o funk brasileiro que teve entre seus objetivos a sensibilização com questões sociais que envolvem a manifestação de maneira que respeitasse a si próprias e as outras pessoas, as alunas interpretaram, por meio da dança teatral³, uma música do estilo que direcionava a reflexões sobre a violência contra a mulher e o feminicídio. Ao final, em uma roda de conversa foi ponderado que:

Apesar de a grande maioria das mulheres do projeto possuir o conhecimento sobre o feminismo e a problemática que se aborda nas questões de violência contra a mulher e feminicídio, foi possível perceber que ainda há um pensamento patriarcal e machista na fala de algumas mulheres. Isso foi notado através do comentário de uma novata em que disse: ‘Algumas mulheres apanham porque querem, porque vivem apanhando e nunca saem de casa’. Posteriormente a essa fala, o restante do grupo negou essa afirmação e retrucou falando que não era daquela forma que se deveria pensar. Diante dessa discussão, Angela Davis comentou baixo com uma das colegas: “[...] eu já apanhei de homem, peguei as minhas coisas e fui embora” (Diário de campo, 29-08-2019).

Os pensamentos patriarcais perduram com o passar do tempo e permanecem na atualidade de forma que conduz a sociedade e sua organização a se manifestar na contramão da igualdade de gênero, por produzir a superioridade masculina em diferentes contextos. Narvaz e Koller (2015, p. 50) destacam que

[...] o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos.

No Brasil, a ideia de superioridade masculina possui raízes na era da colonização e se adaptou às condições da época, um país com identidade latifundiária e escravagista (SAFFIOTI, 1979;

³ “[...] uma forma de arte que se desprende dos padrões da dança até então, que se desvincula da ideia de virtuosismo, que rompe com cânones de harmonia, temporalidade e espacialidade e com o compromisso com a expressão de sentimentos subjetivos, pautando-se pela exploração das possibilidades de movimento do corpo, numa ampla perspectiva que, além da própria dança, abarca o gesto, o movimento abstrato e os movimentos cotidianos.” (CABRAL; SANTOS, 2019)

XAVIER, 1998 *apud* NARVAZ; KOLLER, 2006). Com o passar dos tempos, apesar dos evidentes avanços na sociedade referente aos papéis sociais e às reconfigurações das famílias, o discurso patriarcal normativo ainda é muito presente.

Apoiando-se nessas informações, o desenvolvimento das aulas do projeto ocorre de modo que as cuidadoras se coloquem em uma posição de superação dessas arbitrariedades e se transformem diante das reflexões que surgem, fato que foi comprovado ao final da aula sobre o funk, após ao debate sobre violências contra a mulher:

Todos os objetivos da aula foram realizados por meio das dinâmicas e problemáticas abordadas, todas/os gostaram muito da temática trabalhada, e antes de sair da sala, Maria da Penha e Rosa Luxemburgo deram a ideia de ensaiarem o funk para uma apresentação, e ressaltaram: “Queremos dançar o funk como uma forma de protestar contra essas violências” (Diário de campo, 29-08-2019).

Portanto, a dança, os seus elementos, a metodologia utilizada no seu ensino e sua intencionalidade podem servir de mecanismos para direcionamento à um status emancipatório que pode ajudar às cuidadoras no modo de ser e viver no mundo.

Para conhecê-las com profundidade, principalmente a respeito das suas posições enquanto mulheres em suas rotinas, são criados diferentes instrumentos para facilitar que manifestem o teor de suas rotinas e experiências. É oportunizado espaços para que demonstrem seus sentimentos. Cada uma possui uma história que se construiu com muita luta e vigor por muitos anos e possuem uma carga, advinda de seus contextos, que suportam e influenciam em suas vidas.

Assim, são oferecidas dinâmicas que dialogam com as expressões corporais promovidas pela dança para que se permitem aliviar essas tensões. As aulas do projeto se sistematizam de forma que não fique momentos com a dança extenuantes para as cuidadoras, ou seja, são distribuídas atividades de contextualização da dança, dinâmicas de interação e expressão, execução de passos técnicos, criação de movimentos e coreografias, rodas de conversas avaliativas e as atividades de relaxamento para um maior bem-estar. A ideia é de que possam suspender por um instante o cuidar do outro para cuidar de si e extravasar, como podemos analisar em um momento de reflexão da aula de forró:

[...] quando a bolsista pediu para escreverem o sentimento ruim ou algo ruim que está acontecendo com elas/es, a cuidadora Dandara falou que não tinha nada de ruim para colocar no papel, então o professor perguntou se a vida dela era tão boa assim, aí ela falou que não e começou a escrever, quando ela começou escrever lembrou de várias coisas. Quando a bolsista regente passou com a lixeira para

jogar os papéis fora, algumas pessoas estavam cortando o papel em pedaços bem pequenos e jogando falando que realmente queria que aquilo acabasse de vez, como as cuidadoras Rosa Luxemburgo e Maria da Penha. O outro relaxamento foi trabalhando a respiração, automassagem e relaxamento de membros (Diário de campo, 22-08-2019).

O olhar para si é uma atitude implicada recorrentemente através de momentos das aulas de danças que potencializam essas mulheres e ajudam a se sentirem melhor consigo mesmas. Assim, são ofertados meios que possibilitam ressignificações através da dança, seja no manuseio de uma maquiagem, utilizando figurinos, ou até com elas se olhando no espelho. O que parece ser comum, talvez não seja tão habitual assim para quem tem tão pouco tempo para o cuidado próprio devido às múltiplas tarefas diárias que inclui o árduo trabalho de cuidar de outro/s indivíduo/s. Podemos identificar, a seguir, esse momento na aula de dança árabe:

A aula foi realizada na sala de dança, e logo que chegaram, os(as) cuidadores(as) foram se aproximando do camarim, onde estavam os figurinos da aula. Se caracterizaram amarrando lenços no quadril e na cabeça, por conta própria, mesmo sem a solicitação da bolsista regente, demonstrando interesse e entusiasmo com as atividades que iriam acontecer. Uma das cuidadoras fez questão de vestir um top customizado com miçangas e moedas, pedindo que esperássemos se vestir, para dar início à aula (Diário de campo, 21-11-2019).

Então, percebe-se que as atividades estimulam as condições para que as cuidadoras se libertem durante a aula para que se desvinculem dos elementos coercitivos e tenham um instante de cuidar de si, buscando novas identidades e desenvolvendo suas potencialidades.

3 A DANÇA PARA ALÉM DA TÉCNICA

A dança, em seu contexto histórico, é compreendida como uma linguagem, uma forma de expressão e de comunicação entre os povos desde as primeiras civilizações, ou seja, mostrava-se como um artifício corporal para representações através do movimento, traduzindo-se na expressão dos sentimentos, emoções e pensamentos; como a imitação de animais, saudações à natureza, homenagens à deuses etc. (TADRA, 2009). Nessa relação elementar do ser humano com a dança, com o tempo, passou a ter uma maior significação e isso se figurou na nascente artística da prática. Então, a dança é uma manifestação cultural que representa as essências humanas particulares e coletivas. O conjunto de elementos como o movimento e o ritmo, o

espaço e a música, o envolvimento dos sujeitos e a expressão, resulta em uma linguagem própria, de variadas técnicas e que enriquece a existência humana.

Considerando as interrelações entre mulher e dança estabelecidas no projeto sob uma ótica que renova o modo de se conceber esses componentes, ressalto o poder dessa união que também é arraigada à história. Em uma evolução histórica, as danças se passam por diferentes espaços como os templos, aldeias, igrejas, praças, salões e palcos e a mulher se fez e faz presente dançando. As danças ritualísticas das cerimônias nas sociedades matriarcais eram realizadas por sacerdotisas, as quais eram responsáveis pela abertura dos canais para o plano espiritual, pois, sem a energia feminina nenhum ritual poderia emancipar o discípulo (LYZ, 2009 apud COSTA; TIBEAU, 2020).

De outro modo, com a consolidação das sociedades patriarcais, a força feminina foi se oprimindo e se dissipando. A imagem do homem se sobrepôs a da mulher e, portanto, por vários séculos a dança se caracterizou como uma prática exclusivamente masculina e que somente depois, quando as manifestações começaram a sair dos templos religiosos, passou a incluir, em um número maior, as mulheres (FRANCO; FERREIRA, 2016).

Desde então, a dança se difundiu como simbologia da feminilidade e vem sendo compreendida como elemento de combate à desigualdade social, integrando as atividades e currículos de projetos sociais (SILVA, 2009 apud COSTA; TIBEAU, 2020).

Nessa direção, a técnica, elemento da dança que a acompanha historicamente em uma relação primordial com a humanidade, com suas diferentes significações, é posta em destaque para discussão. Então, procura-se aqui algumas definições para certas problematizações e reflexões. Segundo o dicionário *Michaelis* (2022), a técnica pode ser definida de seis maneiras distintas, as definições são: um “conjunto dos métodos e pormenores práticos essenciais à execução de uma arte ou profissão”, “conhecimento prático; prática”, “a maneira como uma dançarina ou um atleta usam movimentos do corpo na execução do seu trabalho”, “a maneira como um escritor, um pintor, um escultor etc. usa os elementos técnicos de sua arte para melhor se expressar”, “o modo como algo é realizado; meio, método” e por fim, como “grande habilidade; destreza, perícia”.

Colaborando com essas definições, Ortega y Gasset (1963) identifica a técnica como a reforma da natureza da qual surge as nossas necessidades, diminuindo os problemas e aumentando a satisfação. Esses atos técnicos reformadores, ao invés de satisfazerem as necessidades do ser humano que a circunstância/natureza faz sentir, buscam mudar as circunstâncias para reduzir

ao máximo as necessidades e conseqüentemente reduzir também o esforço. Ou seja, a técnica é “o esforço para poupar esforço ou, em outras palavras, é o que fazemos para evitar por completo, ou em parte, as canseiras que a circunstância primariamente nos impõe” (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 31). Assim, entendo que a técnica pode ser um meio para facilitar a vida humana, considerando as suas necessidades.

Dentre outras atribuições à técnica, Mauss (2003) traz uma outra perspectiva sobre o tema. Ele considera que a técnica deve ser analisada independentemente da utilização de instrumentos, pois antes de qualquer instrumento há o corpo humano. Então, o autor traz o conceito de *técnicas do corpo* que envolve as maneiras que o ser humano, com o desenvolvimento da sociedade, conhece o seu corpo e o utiliza. O autor enfatiza que técnica é um ato tradicional eficaz, pois há a transmissão de geração a geração (distinguindo o ser humano dos animais) e tem resultados perante as intenções dos sujeitos. Portanto, cada grupo social desenvolve suas habilidades corporais, mesmo que lentamente, na interação entre as pessoas e com o meio. A técnica aqui vai ser definida como “[...] um ato de ordem mecânica, física ou físico-química, e é efetuado com esse objetivo” (MAUSS, 2003, p. 407). Logo, o corpo humano é tido como um instrumento, um aparelho mecânico e físico utilizado através da técnica.

Diante dos diversos pensamentos sobre a técnica, este trabalho se atém às atribuições à técnica que tenha aproximação com a dança. Nesse caminho, Marques *et al.* (2017) nos aponta duas possibilidades de compreensão da aprendizagem da técnica voltada para a dança:

[...] uma que está direcionada ao domínio de movimentações que almejam alcançar um padrão de movimento, se aproximando de uma dimensão mecanicista, e outra compreendida como uma maneira de se organizar corporalmente e transcender a aprendizagem dos gestos, entrelaçada à dimensão expressiva (p. 864).

A primeira maneira de se abordar a técnica tem sua limitação por não conceber o ser humano nas suas singularidades e como ser expressivo que dá a própria forma à expressão a partir da sua dimensão histórica e cultural. É essa tradicional aprendizagem que o projeto investigado aqui busca superar, por não atender as suas finalidades em um processo de ensino-aprendizagem da dança. Em contrapartida, o projeto se aproxima da segunda possibilidade por acreditar que o ensino da dança precisa ultrapassar a mecanização de gestos e atingir o sujeito que dança mediante a oportunidade de liberdade nos movimentos para expressar suas emoções e sentimentos.

O ensinar técnico tradicional da dança, apesar de ter alguns benefícios, não contribuem “para o aprimoramento de suas possibilidades criativas ou mesmo de recursos personológicos

associados diretamente ao comportamento criativo, como motivação, independência, segurança e audácia” (MARTINELLI; BARBATO; MITJÁNS, 2003, p. 54).

É preciso destacar que no universo da dança existem múltiplos estilos com características próprias que se constrói a partir das características dos diferentes povos e lugares do mundo. Alguns estilos de dança tem a particularidade de exaltar a técnica mecanizada, com padronização rígida dos movimentos, já em outros, predomina a liberdade de expressão e a criatividade. Por conseguinte, o ensino da dança também está atrelado a esses estilos que limita ou expande as possibilidades de se dançar com autonomia e evidência das singularidades do ser.

A dança para além da técnica corresponde ao não cerramento da satisfação de se dançar em virtude do ordenamento técnico, que engessa a capacidade de criação. No projeto “Cuidadores que dançam” o que importa é dançar, utilizar a criatividade e se libertar das demandas do dia a dia, conhecendo melhor a si, em uma interação descontraída com o outro. É a promoção de encontros com pessoas e lugares que resultam em percepções, reflexões e atitudes.

Mas a técnica como maneira de organização corporal no espaço/tempo e como ferramenta de protagonismo das participantes é vista como elemento fundamental, que dá segurança a elas e ao movimento, favorece a expressão e a uma experiência que contribua para ampliação do acervo motor e cultural. Junto a isso, essas produções colaboram com estudos sobre possíveis articulações pedagógicas entre a técnica e a expressão corporal no ensino da dança, visto que esses temas não são discutidos em conexão, mostrando-se um campo de pesquisa em aberto (SILVA, 2013).

Assim sendo, o Projeto “Cuidadores que dançam” recorre a dança por ser “[...] uma das manifestações da cultura do movimento mais importantes e relevantes em todo o mundo” (KUNZ, 2004). Na elaboração de um projeto que “cuida de quem cuida” e que tivesse relação direta e crítica com a manifestação, a dança foi pensada para ser utilizada como ferramenta de estímulo ao cuidado e à redescoberta de si pela expressão e linguagem corporal, propiciando a ressignificação de vida dessas mulheres cuidadoras. Diante disso, as aulas oferecidas para se dançar tem como compromisso o protagonismo e autonomia das participantes no processo de construção das ações que conduzem o projeto, na criação e recriação de atividades específicas de danças. Desse modo, é adotada a ideia de corpo cidadão de Marques (2011) que concebe o ser como

[...] um corpo que escolhe dançar, que pode escolher o que dançar, como dançar. O corpo que pode escolher, assumindo e refletindo

criticamente, sempre, sobre suas escolhas, pode escolher também como dialogar com o mundo em que vive. Face da mesma moeda, corpos cidadãos deveriam se comprometer com a construção desse mundo, dançando (p. 35).

Esse corpo é socialmente construindo e possui suas especificidades. Então as alunas têm papel central nesse processo e participam ativamente das realizações de cada etapa de ensino da dança, em que é importante a contextualização com as múltiplas experiências das cuidadoras com os elementos da dança durante suas trajetórias de vida, como podemos observar nos seguintes fragmentos de uma aula que tematizou o Jazz, estilo musical e de dança estadunidense presente na cultura brasileira:

[...] outras cuidadoras não iriam participar, como a Rosa Luxemburgo, que estava com dores na perna, mas ao ouvir as músicas que remeterem suas memórias de antigamente, com um grito de felicidade, levantou-se e fez a aula do início ao fim (Diário de campo, 28-03-2019).

A cuidadora Angela Davis, ao final da atividade estava muito contente e disse: “revivi uma época que estava enterrada no meu passado”, o que mostra a importância da sua participação quando teve algumas músicas conhecidas e animadas do tempo em que dançava (Diário de campo, 28-03-2019).

Nesses momentos da aula é evidente que um ensino face às diferentes realidades se torna mais significativo e motivador. Outro ponto também em destaque, é a importância dada aos diferentes componentes da dança, como no caso da música que possui uma simbologia que desperta a memória e o interesse pelo dançar.

Além dessa característica, o ensino da dança no projeto discorre sob a ideia da dança criativa que se baseia em estratégias para propiciar aos sujeitos, através de diferentes estímulos, experimentações, explorações, expansões e “colocar seu eu” nas experiências de movimentos na dança (MARQUES, 1997). O trabalho a partir da dança criativa, pode direcionar aos resultados que estão relacionados ao objetivo do projeto de valorizar a identidade das cuidadoras enquanto mulheres capazes de dançar e se expressar. Na própria aula de Jazz, foi oportunizada uma atividade que desenvolvia uma experiência nesse sentido:

[...] foi feita uma atividade de composição coreográfica, relacionando os passos do jazz com as atividades do cotidiano. A cuidadora Dandara precisou sair mais cedo, porém, quis ficar até o último minuto que tinha para aproveitar a aula e realizar a apresentação com o seu grupo. Todas/os as/os cuidadoras/es entraram no clima da brincadeira, a Malala criou um passo e em seguida disse “já fiz minha parte, agora vocês terminem” isso foi positivo para que todas/os pudessem trabalhar com a criatividade na atividade (Diário de campo, 28-03-2019).

Por vezes, o ato de criar não é fácil e isso acontece devido à falta de incentivo e de experiências que o promovam. Portanto, os estímulos se fazem sempre necessários e o papel do/a professor/a se torna preponderante no processo criativo como aconteceu em uma aula de abertura do

semestre em que aconteceu a dinâmica “telefone sem fio, corporal”, onde as participantes formaram um círculo e viraram de costas para o centro da roda. O objetivo principal da atividade era criar um movimento de acordo com o imaginário sobre a dança do país que era sorteado. Depois de um sorteio, uma participante iniciava pegando um papel que continha o nome de um país. Logo após, ela deveria chamar a colega ao lado para irem ao centro da roda e mostrar o movimento que, segundo a aluna que teria que demonstrar, corresponderia à dança do país, isso sem as outras alunas da roda verem. Assim, deveriam passar de participante a participante até chegar a última pessoa do círculo. A última pessoa deveria demonstrar o movimento que observou da sua colega (a penúltima), para todas, e então comparar com o primeiro movimento criado, para depois o grupo tentar adivinhar de que país seria a dança:

[...] o bolsista perguntou quem queria iniciar criando o movimento, a cuidadora Maria da Penha logo se prontificou com muita atitude, e no sorteio dos países, pegou a Grécia e não conseguiu imaginar nenhuma dança, o bolsista ainda tentou ajudar pedindo para ela lembrar de algum filme, noticiário, ou até mesmo lembrar da cultura do país, da filosofia, da mitologia, dos Deuses e fazer uma representação na dança, mesmo assim não queria começar desse jeito. Então o bolsista a ajudou mais uma vez pedindo para escolher um outro país, e escolheu a Espanha e logo imaginou os passos da dança flamenca (Diário de campo, 22-08-19).

Em outro momento nessa dinâmica, devido aos casos de cuidadoras que estão no projeto por muitos anos e que já tiveram várias aulas com diferentes conteúdos e temas, há a evidência de resgates a partir desse histórico de vivências para que facilite a aprendizagem e estabeleça conexões entre os elementos das danças trabalhadas, visando levar um significado entre os sujeitos, suas experiências e a atividade:

Muitas cuidadoras tiveram dificuldades para imaginar algum passo de dança de determinado país, mas com as dicas do bolsista conseguiram fazer alguns movimentos. Como no caso da Joana D’arc que não lembrava das danças dos EUA, mas foi lembrando das aulas que já teve no projeto e conseguiu lembrar do hip-hop e de um passo que cruza as pernas na frente [...] (Diário de campo, 22-08-2019).

Nessa lógica, também é estimulada a troca entre as cuidadoras dessas experiências que ocorrem não somente dentro do projeto, mas também em suas trajetórias de vida. Nessa perspectiva, o ensino da dança se identifica por partir das características reais que as alunas apresentam em suas particularidades, em que o conteúdo se torna significativo por ser do mundo vivido, percebido e imaginado, e gera novos conhecimentos associados ao universo da dança (MARQUES, 1999). Dessa forma, analisamos o momento da aula sobre o Tango argentino que explícita esses compartilhamentos no grupo:

A maioria das cuidadoras/es não conhecia a dança, só ouviram falar, apenas a cuidadora Lélia Gonzáles que participou de aulas, mas disse que esqueceu de tudo, e a cuidadora Frida Kahlo, que ressaltou que já havia feito aulas e ensaiava para fazer apresentações, até salientou que nos ensaios era com uma música do cantor Carlos Gardel, ícone do tango na argentina (Diário de campo, 21-03-2019).

Com um planejamento bem fundamentado e organizado, nos diários de campo é notável o desenvolvimento de aulas impregnadas de sentidos em que há relações diretas do espaço-tempo do projeto com o contexto histórico-cultural do público-alvo. Mas como o planejamento, um elemento pré-estabelecido para a orientação, não consegue contemplar certos imprevistos de uma aula, a atenção e a perspicácia se fazem necessárias por parte dos/as professores/as e estagiários⁴ do projeto para que façam a leitura de momentos problemáticos para logo encontrarem soluções. Vejamos a seguir:

Havia muitas/os participantes no dia, então o bolsista teve que repensar o modo que iria ensinar os passos básicos da dança argentina. Então, primeiro pediu para fazerem a marcação da música sozinhas/os, no próprio lugar, deslocando o peso para o lado esquerdo e direito e pisando. Depois pediu para se deslocarem em círculo, o que deu muito certo pela quantidade de gente. Isso se repetiu com os casais formados. (Diário de campo, 21-03-2019)

Isso explana um ensino que não só se preocupa com a técnica da dança a ser ensinada, mas que tem o cuidado com todos os detalhes que compõe uma aula, acolhendo as participantes diante das eventualidades para que se sintam confortáveis e consigam evoluir dentro das práticas.

De acordo com a participação em cada aula, as cuidadoras se transformam, encontram espaços para se expressarem através de falas e da dança. Passam por um processo de desconstrução de preconceitos, e pensamentos do senso comum, mudando suas percepções através de conhecimentos elaborados sobre a dança que são expostos e levados a uma reflexão crítica. Na roda de conversa avaliativa da aula de Tango é possível verificar esses tipos de revelações:

As cuidadoras Rosa Luxemburgo, Leila Diniz e Dandara expuseram na avaliação que não imaginavam que o tango era de gente simples, pensavam que era da elite por causa do estilo e da postura, e o bolsista aproveitando o momento, enfatizou que a dança, com o passar do tempo, foi se modificando e nela foram introduzidos movimentos da dança clássica e se espalhou para a Europa rapidamente, ganhando outros contornos (Diário de Campo, 21-03-2019).

⁴ O Projeto “Cuidadores que Dançam” é um projeto de extensão do CEFD/UFES que contribui para a formação inicial de professores do curso de licenciatura e bacharelado em Educação Física, por tanto, pelo projeto passam voluntários, estagiários/as, também chamados aqui como bolsistas (com remuneração) e estagiários/as das disciplinas de estágio dos cursos que praticam a docência no projeto com a orientação dos/as coordenadores/as. Professores/as já formados/as pela universidade também são contratados/as para atuarem.

Assim, por meio do ensino da construção histórica pela qual passou essa prática corporal, as barreiras da dança e do dançar são superadas de maneira que possa colaborar com vivências mais prazerosas e com mudanças de atitudes e das realidades dos contextos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar a forma de se ver a mulher e a dança é um esforço que precisa ser constante para a transformação da sociedade. Culturalmente a mulher é tida como a única responsável pelo cuidado, que é uma tarefa desvalorizada e não entendida como um trabalho, porém o trabalho do cuidado não se pode relacionar apenas a uma categoria profissional, mas a uma atividade produtiva que estrutura a sociedade. Essa atividade se intensifica quando é voltada para uma PcD devido suas diferentes necessidades. Já quem participa do cuidado de uma PcD, geralmente, não recebe a devida atenção e é apagada e esquecida. Com um olhar sensível a essa questão, o Projeto “Cuidadores que Dançam” nos mostra possíveis caminhos para que as cuidadoras se sintam em uma condição feminina que extrapola o espaço do cuidar através de práticas pedagógicas de danças. Ao mesmo tempo, que valorizem o ato de cuidar como fundamental para manutenção da espécie humana, portanto de extrema importância, mas que pode e deve ser exercido por todas as pessoas sendo homens ou mulheres. A metodologia de ensino do projeto, a partir da concepção de que a dança é um produto da humanidade e deve ser acessível a todos e todas, não se restringe a fragmentação de gestos e padronizações, mas torna o processo de ensinoaprendizagem facilitador para experiências significativas e satisfatórias. Isso acontece na interação com outras cuidadoras, espaços e materiais; com o estímulo da criatividade, com momentos de análise e reflexão, valorizando os elementos das danças e as características individuais das alunas.

Com seu papel social, a dança no Projeto “Cuidadores que dançam” é a arma para o empoderamento feminino, em que há análise e reflexão sobre a nossa sociedade e sua estrutura de exclusão em que limita a mulher ao cuidado e ao dançar regado. Assim, mulher e dança se unem de forma que criam outras identidades e possibilita a transformação da realidade que o projeto está inserido.

Por fim, o projeto indica que é necessária a criação de políticas públicas relacionadas às práticas corporais que atendam às PcDs, mas que também oportuniza atividades sistematizadas de práticas corporais para a participação das cuidadoras e como podemos observar, a dança, manifestação cultural, coloca-se como excelente prática para redescoberta, ressignificação e cuidado de si.

5 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Letícia Caroline Doretto. **A violência por parceiro íntimo na gestação e a vivência da sexualidade após a maternidade**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em saúde), USP, Ribeirão Preto, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial: princípio de um novo *ethos***. Inclusão Social, Brasília, v.1, n.1, p. 28-35, out./mar., 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CABRAL, Jeferson de Oliveira; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Notas sobre a teatralidade na dança-teatro de Pina Bausch**. Revista da FUNDARTE, Montenegro, n.37, p.19-31, jan/mar, 2019. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- COSTA, Rebeca Amorim; TIBEAU, Cynthia Cleusa Pasqua Mayer. **Estudo da feminilidade na dança contemporânea e suas reflexões**. Revista FIMCA, [S.l], v.7, n.2, 2020.
- FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro na velhice. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, 2009, set-out; 62(5): 705-10.
- FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema**. Repertório, Salvador, nº 26, p.266-272, 2016.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- MARCONDES, Mariana Mazzini. **O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho**. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Ed.). **Trabalhadoras: análise das profissões e ocupações**. Brasília: Editora Abaré, 2013. p. 251-279.
- MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91-102.
- MARQUES, Danieli Alves Pereira; ASSIS, Marília Del Ponte de; SURDI, Aguinaldo Cesar; LLUCH, África Calvo; KUNZ, Elenor. **Dança e técnica: uma aproximação com a fenomenologia**. Pensar a Prática, Goiânia, v.20, n.4, out./dez. 2017.

MARQUES, Isabel. **A criança criativa e o mito da criança feliz**. Revista Mineira de Educação Física 5(1), 28-39, 1997. Disponível em: <<https://silo.tips/downloadFile/a-dana-criativa-e-o-mito-da-criana-feliz-resumo>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez; 1999.

MARQUES, Isabel. **Notas sobre o corpo e o ensino da dança**. Caderno Pedagógico, Lajeado, v.8, n.1, p. 31-36, 2011.

MARTINELLI, Suselaine Serejo; BARBATO, Silviane; MITJÁNS, Albertina Martinez. **No ensino, quem dança?: uma análise crítica sobre a criatividade no ensino da dança no distrito federal**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S.l.], v.3, n.2, p.51-62, 2003.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Casac Naify, 2003. Parte 6, p. 399-422.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & Sociedade, [S.l.], v.18, n.1, p.49-55, jan/abr. 2006.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. **(Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, [S.l.], v.2, n.4, p.69-87, 2014.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 16, n. 2. Porto Alegre, 1995, p. 522.

SILVA, Erineusa Maria da. *et al.* **A (re)descoberta de si: implicações e aprendizagens produzidas a partir do projeto “cuidadores que dançam”**. Movimento, [S.l.], v.22, n.3, p.889-900, 2016.

SILVA, Tayana da. **Dança na educação física: imbricamentos entre a técnica e a expressão corporal**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.

TADRA, Débora Siqueira Arzua et al. **Metodologia do ensino de artes: linguagem da dança**. Curitiba: ibepex, 2009.

TÉCNICA. **Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/t%C3%A9cnica/>>. Acesso em 20 dez. 2022.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WELTER, Ivânia *et. al.* **Gênero, maternidade e deficiência: representação da diversidade**. Revista Textos & Contextos, Porto Alegre, v.7, n.1, p.98-119, jan./jun, 2008.

YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras – análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013.